Acervo ISA

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO/FUNAI

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE TABATINGA/5º SUER

CEDI - P. I. B.
DATA 04/05/88
COD. KVD43

# RELATÓRIO DE VIAGEM

## GRUPO DE TRABALHO - PORTARIA Nº 1682/86

Acervo ISA

I - INTRODUÇÃO:

Apresentamos o relatório de viagem do Grupo de Trabalho instituído pela portaria nº 1682/86 de presidência da FUNAI, que objetivou realizar a Identificação/Delimitação da Área Indígena Kulina do Médio Jutaí, localizada no município de Jutaí-Am, assim como levantar dados Etno-Históricos do Grupo Kulina ali residentes e a situação fundiária dos ocupantes não-índios, objetivos estes que não poderam ser cumpridos em sua totalidade, considerando-se a exiguidade do tempo disponível para sua realização.

Os dados Etno-Históricos aqui apresentados representam apenas o que se pode captar do pequeno contato que mantivemos com o grupo e das escassas fontes de referências existentes sobre o mesmo.

Quanto a situação fundiária somente nos foi possível localizar e realizar a vistoria das benfeitorias dos moradores não- índios ali residentes, nenhum deles portador de título definitivo das terras que ocupam. Quanto ao levantamento cartorial, este não foi possível realizar pois seria necessário um deslocamento até o município de Fonte Boa - Am, sede da Comarca, o que implicaria em se acrescentar cerca de 05 dias de viagem a mais no praxo de realização dos trabalhos que já se encontrava ultrapassado, uma tentativa de resolução do problema foi buscada enviando-se ofício, entregue em mãos pelo presidente da Câmara de Vereadores do município de Jutaí, ao juiz da Comarca de Fonte Boa (Anexos). Até o presente momento não recebemos resposta.

Quanto aos limites da Área Indígena foi possível identifica las, tendo nos deslocado até os principais pontos, não os tendo percorrido totalmente devido à dificuldade de acesso.

Queremos deixar expresso nosso especial agradecimento ao Sr. Afonso Maricaua, que fpi nosso guia e informante, ao Sr. Vitor presidente da Câmara de Vereadores do município de Jutaí, ao Sr. Rogério Prado Leite, técnico do INCRA e ao Sr. Benedito Rangel de Morais técnico do ITERAM, que com sua colaboração tornaram possível a realização dos trabalhos, assim como a todos os integrantes do Grupo de Trabalho.

Acervo ISA

II - COMPOSIÇÃO DO GT:

01 - JORGE LUIZ DE PAULA - Antropólogo I D'2
ADR TBT

02 - NILVAN VIEIRA DUARTE - Téc. Agropecuaria B'6
ADR TBT

03 - ZENILDO DE SOUZA CASTRO - Téc. Agrimunsura B'6
5ª SUER/MAO

04 - BENEDITO RANGEL DE MORAIS - Eng. Agrônomo
ITERAM/MAO

05 - ROGÉRIO PRADO LEITE - Téc. Agrícola
INCRA/B. Constant

06 - FRANCISCO CHAGAS MARREIRA - Piloto de lancha B'2
ADR ATL

07 - LUIS CARLOS DE MELLO - Piloto de lancha B'2
ADR ATL

08 - EVA MOÇAMBITE - Aux. Serv. Gerais
ADR ATL

Acervo ISA

III - CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO KULINA:

Os índios Kulina, que se auto-denominavam "MEDIHÁ", são originários, segundo o Handbook Of South American Indians (A. MÉTRAUX), da região compreendida entre os rios Envira e Tarauacá, na margem esquerda do rio Muru, habitando terras do Acre e Amazonas segundo a classificação de Galvão pertencem à Área Cultural II (JURUÁ - PURUS).

Malcher (1964) refere-se à existência de dois grupos denominados como Kulina; um, do tronco linguístico Arauk habita os rios Purus e Juruá e afluentes destes; o outro grupo, de língua Pano habitaria a região compreendida entre os rios Jutaí e Jandiatuba.

Os Kulinas da região do Juruá-Purus encontram-se em situação de contato permanente com a sociedade nacional tendo sido atingidos pelas frentes extrativistas no final do século passado e início deste, durante o ciclo da borracha. Este contato, que foi extremamente violento, desestruturou a sua organização tradicional, provocando a perda de valores e a sua desagregação. Darci Ribeiro (1970), afirma ter sido cruenta a guerra travada entre os Kulina e os colonizadores, tendo culminado na sua pacificação, "Já cansados de tanto sofrimento".

Apesar da sua desestruturação, da sua dispersão e do processo de aculturação por que estão passando, provocadas pela ingerência do branco, desde os pioneiros, passando pelos "Patrões", comerciantes da borracha até os missionários, alguns traços de sua cultura permanecem ainda vivos.

No plano da organização política, são chefiados por um "TAMINÉ", podendo atualmente, possívelmente por influência externa, ter ainda outros "TAMINÉS" auxiliares e eventuais substitutos.

No plano religioso, tem seus feiticeiros "BORIRRINEDÉ", às vezes mais de um na mesma aldeia e os "TUCURRIMÍS" ou "AIMAS", responsáveis pelo tratamento dos doentes. Sua maior festa ritual é o "RÊRÊMANA", onde cantam e dançam especialmente vestidos para a ocasião.

No campo da produção material, se voltam para a agricultura de subsiatência, a caça e a pesca. Não encontramos

segue

referências sobre a sua produção artesanal. Além dos paramentos para os rituais e para utilização doméstica.

A agricultura é rudimentar, no sistema de "COIVARA", do coletiva e derrubada do roçado, e familiar, o cultivo e o consumo do produto, os principais produtos são a mandioca, milho, banana, abóbora, batat-doce, geralmente plantados de maneira consorciada. Ainda extraem madeira e borracha que são vendidos aos "patrões" e aos "regatões".

Para seu próprio consumo, caçam e pescam, utilizando-se de armas-de-foco, anzol e linha, quando os conseguem adquirir, utilizando o arco e a flexa quando não os têm. complementam sua dieta alimentar com a coleta de frutos regionais. Fazem também a "caiçuma" e os vinhos de frutas, que são ingeridos em suas festas.

Acervo ISA

IV - CARACTERIZAÇÃO DOS KULINAS DO MÉDIO JUTAÍ:

Este grupo do Kulinas habita as margens do rio Jutaí, no seu médio curso, no local conhecido por Porto Central, onde formam uma aldeia na margem esquerda do dito rio.

A aldeia é composta de oito construções, das quais apenas seis são ocupadas por moradores, das outras duas, uma serve de depósito e a outra ainda estava inacabada e deverá servir também de moradia. Todas as casas são feitas no estilo regional com madeira, palha e resrtos do acampamento da Petrobrás que havia nas proximidades da aldeia.

Habitavam ali, no momento 23 Kulinas, compostos em seis familias e estavam aguardando a chegada de outras quinze, assim que comece o "verão", ou seja, quando baixarem as águas.

Encontram-se em situação de contato permanente com a sociedade nacional, mantendo relações amenas com os vizinhos mais próximos, inclusive mantendo relações de compadrio. São muito explorados em suas relações comercias com os "regatões", que vêm da foz do rio Jutaí, trazendo suprimento como: roupas, conservas, munição, anzol, linha e muitas futilidades que são trocadas por madeira e borracha, estas a preços baixíssimos e aquelas a preços extorsivos. Porém, devido à distancia de centros comerciais esta é a única opção que têm para conseguir tais produtos, hoje vitais nessas relações acabam invariávelmente enbividados e muitas vezes não obtêm créditos, por serem considerados preguiçosos e incapazes de Honrar seus compromissos.

Não mantêm contato permanente com grupos religiosos, sendo de tempos em tempos visitados por missionários católicos, do CIMI, e parecem ter sofrido a influência de missionários protestantes, dos quais sabem vários cânticos em língua Kulina, não Havendo entretanto nunhuma igreja ou templo por perto e não tivemos notícias de que se deslocassem para outro local com este objetivo.

Mantêm ainda algumas tradições e têm dois "TAMINÉS", Raimundo, o homem mais velho da aldeia e Paixão, seu irmão que é seu auxiliar e substituto.

Acervo ISA

V - HISTÓRICO:

As poucas informações de que dispomos para fazer um Histórico desta aldeia provêm de relatórios internos da FUNAI e das informações colhidas diretamente, junto ao grupo e a outros informantes.

Nós relatórios internos da FUNAI não existe acordo sobre a sua região de origem.

O relatório do GT, que estava na região em 1983 e que teve como mérito impedir a continuação dos trabalhos que a Petrobrás vinha realizando ali e que vinham causando inúmeros danos, afirma que o grupo fala língua Kulina da familia Pano e que é originário das regiões do Jutaí e Jandiatuba e ainda supõe que os grupos arredios possívelmente existentes nas margens dos rios Jandiatuba e rio Pardo e entre o rio Pardo e o Ituí, sejam da mesma origem.

Um relatório do sertanista Sebastião Amâncio sobre os Kulinas de lingua Aruak que habitam o vale do rio Juruá afirma: "O habitat natural dos antepassados dos grupos Kulinas que vivem no rio Juruá foi a região compreendida entre as nascentes dos rios Jutaí, Jundiá, Itacoaí e afluentes da margem esquerda do rio Juruá, nas proximidades da cidade de Eirunepé".

A informação indígena básica - II B Nº 170/82/AGESP/FUNAI, situa os Kulinas do Amazonas, como originários do Vale do Juruá, referindo-se, no entanto, a Alfredo Metraux (1948: 660-661, In "Povos Indígenas do Brasil", CEDI vl. 5:111), que cita: "Dois grupos bastantes abrangentes chamados Kulina (ou suas variações: Kulino, Kolina, Kurina). Um deles seria da família Pano e habitou a margem esquerda do Solimões entre o baixo Javarí e a Foz do Jandiatuba".

O mesmo documento cita ainda: "Também no rio Jutaí existem índios Kulina, vivendo às margens dos igarapés (5º 30'S - 5º 45'S), exatamente onde se encontram os Kulina de Porto Central, não fazendo referência, porém, a qual origem pertenceriamos mesmo".

No relatório de levantamento do Vale do Javarí, realizado em 1985, novamente são os Kulinas do Jutaí, alertando-se para a existencia de um equívoco nos trabalhos anteriormente realizados e antes expostos.

Reafirma o antropólogo Sílvio Cavuscens neste relatório, a existência de dois grupos distintos chamados Kulina o primeiro deles é originário da região que compreende os rios Jutaí e Jandiatuba, mais exatamente entre os igarapés Pedro Lopes e São Salvador, afluentes do rio Curuçá, a língua destes pertence à família Pano e os índios arredios, sobre os quais

Acervo ISA

existem referências naquela região, poderiam realmente pertencer ao mesmo grupo.

Segundo ele, outros Kulina também estariam habitando a região na aldeia de Porto Central ou dispersos em famílias nucleares, sendo estes da família linguística ARAWA e originários do Vale do Juruá.

De fato, como podemos apurar, os Kulinas de Poro Central são mesmo originários do Vale do Juruá, tendo de lá emigrado em um passado recente, sendo os mais velhos nascidos mesmo lá, mantêm estreitas relações com os seus parentes, costumando ir visitá-los sempre. Para isso ainda utilizam um "Varador" (picada por dentro da mata), construido por eles mesmos quando teve início o seu deslocamente.

Tal deslocamento remonta a cerca de 30 anos, motivado pela pressão exercida pelas frentes de ocupação do Vale do Juruá-Purus que ia se consolidando, causando sua dispersão e motivado ainda por conflitos internos insolucionáveis, em parte provocados pela desorganização que lhês impôs o processo de aculturação que vêm sofrendo.

Segundo nos contam os próprios índios, teriam passado pelo "varador", até o rio Jutaízinho, conhecido entre os Kulina como Juruázinho, e ali se estabelecido por alguns anos. Ali permaneceram até aproximadamente 1970, numa aldeia com mais de uma centena de índios. Tais afirmações, são confirmadas pelo Sr. Afonso Maricaua, que com eles esteve morando por essa época.

Saindo do Juruázinho foram ter às terras que hoje ocupam, sendo que após um grande conflito interno, que resultou na morte de um irmão do atual chefe, Raimundo e em graves ferimentos no próprio; o antigo chefe Armando, saiu deste local levando grande parte do grupo. No ano de 1976 este grupo passou pela Foz do Jutaí, ainda reunido, após tres meses, sem ter para onde ir, se dispersaram.

Alguns deles estiveram por um tempo no Igarapé Bóia e no rio Biá, afluentes do Jutaí, não mais se encontrando lá. Ainda existem outros na localidade de Procela (M.D do rio Solimões, proximo a Foz do Jutaí). Um grupo de oito Kulinas mora na cidade de Jutaí e cerca de 45 deles foram identificados no levantamento do Vale do Javarí, morando nas margens dos rios Itaquaí, Ituí e curuçá e nas ciades de Atalaia do Norte, Benjamin Constant e Tabatinga. Porém, todos estes encontram-se totalmente dispersos vivendo apenas em famílias elementares.

Os que ficaram em Porto Central, mantem contatos permanentes com

Acervo ISA

seus parentes das proximidades da cidade de Eirunepé, para onde se deslocam para visitá-los ou para abastecer de suprimentos e medicamentos. O acesso ainda se dá pelo "varador" do Juruázinho, ao qual chegam após quatro dias de viagem, no seu motor de popa, modelo Rabeta, seguindo a pé por mais um dia no "varador".

Em Porto Central, têm vários roçados e capoeiras já abandonadas, conhecem as terras como a palma das mãos e já criaram lendas a seu respeito. Uma destas lendas, prova de sua íntima relação com a terra, refere-se a um remanso do rio Jutaí, conhecido como simpatia, quando no verão naquele remando forma-se uma praia na qual os Kulina afirmam ter visto destroços de um barco e espalhado pela praia um significativo tesouro, machados, enxadas e tambores de combústivel, todos novinhos, porém quando deles se aproximam desaparecem misteriosamente.

Acervo ISA

VI - LÍNGUA:

Os Kulina de Porto Central, assim como os de Juruá, falam língua Kulina, família ARAWA, tronco ARUAK. Comunicam-se constatemente, entre si em sua própria língua, só utilizando o português, que não dominam com perfeição nos contatos com os civilizados e com outros grupos indígenas, como os Kanamari que habitam o alto Jutaí.

Por já haverem sido confundidos com outro grupo Kulina, de língua Pano, que habita os afluentes do rio Curuçá, no parque do Javari e por não dispormos de um especialista em linguística no GT; Tomamos como indicador para definição do tronco linguístico a origem do grupo, que como podemos ver remonta ao Vale do Juruá, onde habitam os Kulina de tronco ARUAK, família ARAWA.

Além da própria origem, outros detalhes nos confirman a afirmação, como estávamos de posse de uma carta de um chefe Kulina, escrita na língua, Kulina, da família ARAWA, nos a colocamos à prova e foi prontamente traduzida por um dos índios, alías o único que sabe ler e escrever na sua própria língua ainda, o mesmo índio me apresentou uma cartilha Kulina, elaborada no Juruá e lá utilizada na Educação Bilingüe, que ele pretende implantar em Porto Central.

A Educação Bilingüe quando for implantada, com certeza, irá garantir a preservação da sua língua própria.

Acervo ISA

VII - ASPECTOS CULTURAIS:

Apesar do contato permanente com os "CARIÚS" (brancos), e suas muitas influências, os Kulina do Porto Central mantêm ainda algumas de suas tradições ancestrais.

Politicamente, existe uma divisão de poder entre dois chefes "TAMINÉS", Raimundo é o homem mais velho da aldeia e o mais importante deles; Paixão é seu irmão e o substitui eventualmente. A divisão também é marcada no espaço físico, sendo do chefe Raimundo a parte que fica na margem esquerda do rio e de Paixão a que fica na margem direita, sendo porém, a terra de usó comum, não conseguimos saber se lhes é pago algum tributo pela sua utilização.

Não existe nunhum feiticeiro na aldeia, ou pelo menos ninguem que assim seja reconhecido, mantêm alguns ritos mágicos para a cura dos doentes, assoprando fumaça de tabaco sobre a nuca da pessoa o que pode ser feito por qualquer um dos mais velhos ou por todos entre si, por ocasião das festas. Sabem ainda utilizar algumas plantas de efeito medicinal, na cura de mordidura de cobra, ferimentos e outros pequenos males preferindo na maioria das vezes utilizar a medicina do "CARIÚ".

Um outro costume tribal é a ingestão do "LAMIM", uma infusão preparada com o cipó Lamim e as folhas do Sacuruná, de efeito alucinógeno, geralmente é servido à noite, apenas em ocasiões especiais e deve tomá-lo toda a comunidade, ficando os casais que não o tiverem tomado ' juntos, impedidos de manter relações sexuais, impedimento que só irá cessar quando o esposo que tiver tomado o "LAMIM", tome uma boa dose de pimenta amassada e se atire ao fundo do rio, pelo máximo de tempo que puder aguentar. O Lamim, que tem o sabor amargo é tomado de uma só vez, duas canecas, uma após a outra. A pessoa que o toma, em geral, se isola, fica sentado em posição contemplativa e vê passar a sua frente toda a sorte de animais da selva, bons roçados, festas e tudo mais que consegue imaginar. As ocasiões em que o tomam podem ser as mais variadas possíveis, desde as festas tradicionais até a nossa visita, da qual haviam sido avisados que, os levou a preparar o Lamim para que podessem ver-nos antecipadamente. Quando sob efeito do "LAMIM", também cantam os cantos aprendidos dos antepassados.

Sua principal festa, é a que chamam de "MARIRI", realizada quando recebem a visita de parentes, não havendo no momento pessoas suficientes para realizá-la. Para a festa preparam um bom suprimento

Acervo ISA

do caça e pesca antecipadamente, preparam ainda a "CAIÇUMA" de macaxeira, feita com a macaxeira cozida, que passa por uma "PISA", é peneirada e fica descansando por tes dias e ainda o "LAMIM", já descrito acima. Os paramentos utilizados na festa são os "ZAUANÃS": Adornos para a cabeça, preparados com o cipó urucuru; e ainda os "SARRARÁS", saiotes feitos de malva. São cantados os cantos tradicionais e dançam todos de mãos dadas, formando vários círculos concêntricos e todos se apresentam pintados com tintas naturais, principalmente a de urucum.

Seu artesanato é pobre, resumindo-se aos utilitários paneiros de cipó " SARAÍ", vassouras do "HOHUÉ", pulseiras de fibra natural, colares de miçangas industrializadas e os "ZAUANÃS" e "SARRARÁS" das festas rituais. Ainda fazem arcos e flechas para caça e pesca.

Sua produção está restrita aos vários roçados de macaxeira, da qual fazem a farinha e a "CAIÇUMA". Pescam no lago e rios, para completar a dieta alimentar, utilizando-se do anzol, linha, redes do "BICO", uma espécie de lança, apreciando muito o pirarucu e outros peixes de couro, o arauanã, o tucunaré e o jutiá. Também caçam os animais ali existentes, um pouco reduzidos em número depois da explorações da Petrobrás, utilizando-se de espingardas, quando conseguem comprar munição e de arco e flecha quando não a tem. Colhem ainda os frutos regionais, que são muito apreciados.

Para comercialização extraem madeira, cuja venda é contratada aos donos dos regatões e trocada por suprimentos a preços exorbitantes, dificilmente restando algum saldo, comercializam também, hoje em menor escala, a borracha extraida nas suas terras.

Acervo ISA

VIII - SAÚDE:

Os Kulinas do Médio Jutaí, não recebem nenhuma assistência de saúde, tendo recebido uma única vez a visita de uma equipe volante de saúde da FUNAI, e muito esporádicamente recebe medicamentos de missionários ou de políticos da Foz do Jutaí que por lá passam em campanha eleitoral.

Para comprar medicamentos ou receber assistência médica deslocam-se para a cidade de Eirunepé, seguindo o trajeto antes descrito, que decorre em cinco dias de viagem só na ida, no momento em que lá estivemos "Zé Capitão", um dos membros do grupo já estava a quase um mês para Eirunepé onde tinha ido tentar conseguir remédios para os seus filhos e Paixão acabava de sair de uma malária.

Levamos a eles uma caixinha de primeiros socorros e tentamos orientá-los no uso dos medicamentos, já que nenhum deles sabe como faze-lo

A cidade de Jutaí dispõe de um hospital da Secretaria de Saúde do Amazonas e de um posto da SUCAM, porém, a dificuldade de acesso impossibilita aos Kulinas irem até lá receber atendimento e a falta de recursos impossibilita que o atendimento chegue regularmente a todo o município.

Necessitariam de visitas mais regulares de equipes de saúde da própria FUNAI e, quem sabe, de um convênio com o município com o objetivo de atendê-los regularmente na própria aldeia.

Acervo ISA

IX - EDUCAÇÃO:

Apenas uma pessoa na ladeia é alfabetizada, o Kulina Altevir, que foi morar com eles há apenas dois anos, vindo do rio Envira. Por isso é Altevir que controla as contas de todos com os "Regatões". A sua situação é privilegiada por ter ele mesmo recebido uma educação Bilingüe e já ter sido Monitor em outras aldeias, estando capaciatdo para educar os outros membros do grupo.

Porém, não dispõem eles dos mínimos recursos para essa tarefa, principalmentte no que diz respeito à inexixtência de um prédio e de material escolar.

Neste sentido, tomamos a providência de encaminhar Altevir, por meio de carta particular, ao presidente da Câmara de Vereadores do Jutaí que se comprometerá conosco a fornecer-lhe o material escolar necessário e a fazer o possível para conseguir uma ajuda de custos para que este se dedicasse à tarefa de educá-los.

Seria necessário que a FUNAI verificasse o cumprimento desta promessa e por sua vez enviasse o material necssário. Também seria bom contratar Altevir como Monitor Bilingue, à exemplo do que vem sendo feito com os Ticunas.

Acervo ISA

X - LEVANTAMENTO DEMOGRÁFICO:

| CASAS | COMPONENTES |
|---|---|
| I - | RAIMUNDO - "TAMINÉ" - marido |
| | ANTONIA - mulher |
| | não têm filhos |
| II - | PAIXÃO - marido |
| | MARIA - mulher |
| | MÁRCIA - filha |
| | DENEIZA - filha |
| | DELSOMCURA - filha |
| III - | MIRABCA - solteiro |
| IV - | EDUARDO - marido |
| | HELENA - mulher |
| | CHICO - filho |
| | LÚCIA - filha |
| | SANTO - filho |
| | LUCIMAR - filha |
| V - | ZÉ CAPITÃO - marido |
| | NEZINHA - mulher |
| | MARIA DE LOURDES - filha |
| | NERINA - filha |
| | ZORIÃO - filho |
| | CHICO RAPA - filho |
| | NENEM - filha |
| VI - | ALTEVIR - marido |
| | MARIANEZINHA - mulher |
| | não têm filhos |

HOMENS - 10

MULHERES 13

TOTAL 23

* Este levantamento refere-se ao momento em que lá estivemos, no entanto brevemente a comunidade será acrescida de cerca de 15, moradores, componentes de outras 4 famílias que deverão chegar do Juruá, tendendo a crescer mais a partir da regularização da situação de suas terras.

Acervo ISA

XI - DEFINIÇÃO DOS LIMITES:

As terras que os Kulinas do Médio Jutaí efetivamente ocupam estão compreendidas nas duas margens do rio Jutaí limitadas na margem esquerda ao sul pelo igarapé São Francisco, ao norte por uma linha que sai em frente ao igarapé Pau de Arara que fica na margem oposta do rio Jutaí, encontrando a cabeceira do igaraé São Francisco, na margem direita do rio Jutaí são delimitadas ao sul pelo igarapé Piranha e ao norte pelo igarapé..... e aos fundos por uma linha que une as cabeceiras dos mesmos.

Dentro destas terras, em ambas as margens existem vários roçados e velhas capoeiras.

Embora não se caracterize a imemorialidade ocupação sobre suas terras lhes cabe o direito de posse permanente conforme o art. 22 § único da lei 6.001/73 e arts. 4º (IV) e 198 da constituição Federal

Quanto aos ocupantes não-índios resumem-se a dois moradores, recentemente chegados e que realizaram poucas benfeitorias.

Quanto à possibilidade de existência de títulos definitivos tivemos notícia de que poderiam pertencer a uma empresa madereira que detêm diversos títulos naquela região, sem nunca ter iniciado, contudo um trabalho de aproveitamento das terras de nenhum deles. Da madereira, conhecida como madereira Jutaí S.A, não encontramos o responsável não sabendo nem mesmo as autoridades do município de Jutaí, quais seriam as terras que realmente lhe pertecem, nem tão pouco quais seriam os seus projetos de atuação naquela região.

Acervo ISA

XII - ANEXOS:

- Plano de Viagem
- CT FUNAI/5ª SUER/Nº 284/86
- CT FUNAI/5ª SUER/86/Nº 285
- PP Nº 1682/86
- CT S/N - Antropólogo Jorge Luiz de Paula

Acervo ISA

XIII - BIBLIOGRAFIA:

01 - Ribeiro-Darcy - Os Índios e a Civilização, Vozes-RJ 1986 - 5ª Edição

02 - Demarquet - Sonia de Almeida - Informação Indígena Básica - IIB nº 170/82 - AGESP/FUNAI

03 - Relatório de Viagem - Sertanista Sebastião Amâncio da Costa
- GT PETROBRÁS/83
- GT Levantamento do Vale Javari

Acervo ISA

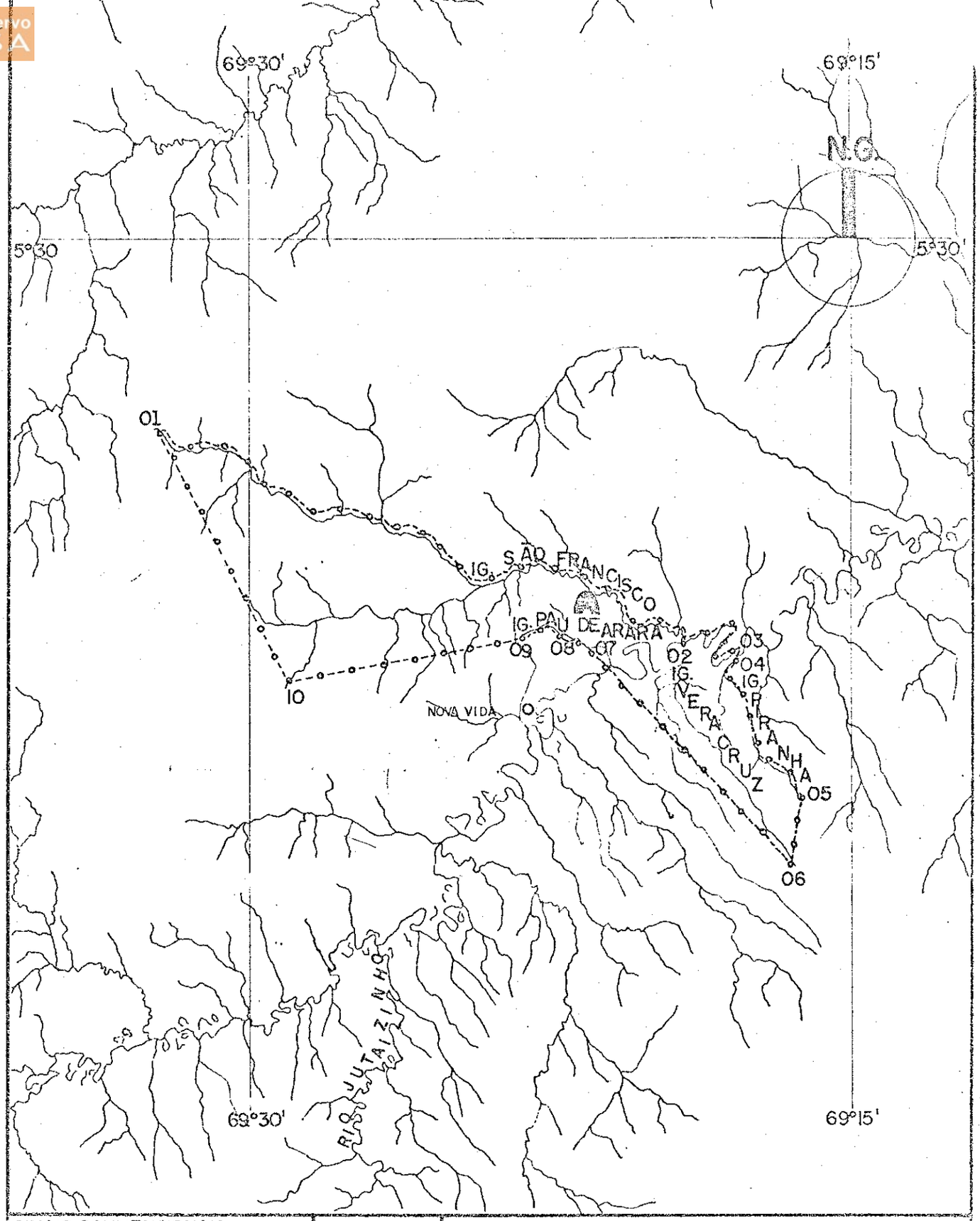
XIV - ÍNDICE:

I - INTRODUÇÃO
II - COMPOSIÇÃO DO GT
III = CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO KULINA
IV = CARACTERIZAÇÃO DOS KULINAS DO MÉDIO JUTAÍ
V = HISTÓRICO
VI = LÍNGUA
VII = ASPECTOS CULTURAIS
VIII = SAÚDE
IX = EDUCAÇÃO
X = LEVANTAMENTO DEMOGRÁFICO
XI = DEFINIÇÃO DE LIMITES
XII = ANEXOS
XIII = BIBLIOGRAFIA
XIV = ÍNDICE

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

Jorge Luiz de Paula
ANTROPÓLOGO
PORT. [illegible]

Acervo ISA




SINAIS CONVENCIONAIS

ALDEIA INDÍGENA

CURSO DÁGUA

TERRA INDIGENA DELIMITADA

FUNAI

MINISTERIO DO INTERIOR_ MINTER

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

5ª SUPERINTENDENCIA EXECUTIVA REGIONAL

| | | | |
|---|---|---|---|
| DENOMINAÇÃO ÁREA INDIGENA KULINA DO MEDIO JUTAI | | PLANTA DE DELIMITAÇÃO | |
| MUNICIPIO JUTAI_ AM | | AREA 16.568 37 Ha | PERIMETRO 150 Km |
| | | PROCESSO | DATA 25/05/87 |
| U.F. AMAZONAS | U.ADM 5ª SUER | ESCALA 1:250.000 | BASE CARTOGRAFICA SB.19-V-D. DNPM |
| TEC RESP PELA DEFINIÇÃO DOS LIMITES | TEC RESP PELA IDENTIFICAÇÃO DOS LIMITES | DESENHO Rdo JUNNIOR | VISTO |

Acervo ISA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
5.ª SUER/MAO

398
DID

CI. Nº 184/DFU/5ª SUER/87

Manaus-Am, 27 de maio de 1987

DA: Divisão Fundiária

AO: Superintendente - SUAF

BRASÍLIA

Através do presente encaminho a VSª, Relatório de Viagem Grupo de Trabalho - Portaria nº 1682/86 que diz respeito à identificação e delimitação da área indígena Kulina do Médio Jutaí.

Atenciosamente,

Engº Agrim. Sebastião Carlos Baptista
CHEFE DIVISÃO DE ASSUNTOS FUNDIÁRIO
6ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - FUNAI

À Divisão de Identificação e Delimitação, para conhecimento e providências pertinentes ao assunto.

Em, 29/maio/1987

Walter Ferreira Mendes
Superintendente Substituto
Superintendência de Assuntos Fundiários - SUAF/FUNAI

OK — INF 109/SLA-DID
de 24.07.87

DFU/SCB/trms

MOD. 116

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
ENTRADA: 29.5.87
HORA:
FUNAI
SUAF

SUAF/DOC
ENTRADA
DIA: 27/07/87
N.º 572